

A TÁBUA

Carolina Galvão⁸⁷

uma tábua. uma tábua pode ser porta. pode ser muro. pode ser ponte. pode ser arma. pode ser... pode ser que seja tempo de dar-lhe rumo, penso. tento esticar os braços. sinto apenas a imobilidade, e vejo? não vejo nada esticar-se no horizonte. talvez seja o cansaço das noites-maratonistas ou dos dias que caminham em l o n g o s desejos que são preces estendidas ao vazio. é ainda vazio o horizonte por onde nem eu nem nada se estende – exceto pela tábua. tento, novamente. e... e nada. talvez seja uma daquelas terríveis paralisias noturnas, nas quais acorda a Alma e fica o Corpo ainda adormecido. estremeço. e se estremeço é porque ainda respondo a mim, penso.

vem, primeiro, a ponta dos dedos. as unhas cor-de-nada. vem as dobras horizontais que articulam o movimento. vem como garra que alcança a tábua. dessa vez, não fui eu, embora corpo meu, que identifico meu por uma pequena pinta em formato de estrela no dedo indicador-de-caminhos. deve ser o espasmo atrasado de um esforço que ultrapassou o tempo, penso. e as máquinas de vapor que fazem da vida viva estavam adormecidas, até que a grande explosão de engrenagem, calor e sangue que é a vontade fizeram-nas lembrar que há ainda tempo a se viver. não duvido. mas a vontade de levar os dedos à boca e roer as unhas, que quem traz é a lembrança de um eu que lançava pipas ao ar, fica assim, vontade. é melhor, penso. e tento não pensar na estranheza de gritar ao corpo e não ser respondido.

ao invés do movimento de infância, vejo as garras estranhamente minhas atravessarem o vazio. e encontrarem a tábua. sim, a tábua. aquele objeto que foi

⁸⁷ Graduanda em Direito na Universidade Federal Fluminense – Brasil. E-mail: carolinagalvao@id.uff.br

matéria-prima das primeiras caravanas. foi numa dessas que me distanciei de mim? ou pensou a Nau dos Loucos que teria eu melhor destino onde não pudesse definir o meu próprio?

as moléculas que se quebram para que haja vida e haja movimento e haja eu ainda se quebram. e eu sinto que se pudessem sentir e falar, estaríamos a discutir aos sussurros quem é que se fez mais quebrado pelo mundo sem nada fazer. porque o seu quebrar parece ter ainda sentido, fim e causa, enquanto o meu não serve a nada nem a ninguém. mas, sobretudo, estaríamos a discutir nessas disputas que nada mudam porque eu ainda sinto. e, como sinto, busco companhia na solidão.

sinto ainda o vento de ressaca que faz estremecer os braços – e estremeço. sinto ainda os cabelos que se suicidam nos olhos e o desejo-quase-necessidade de retorná-los ao seu lugar, do qual apenas por pecado ousaram se retirar. sinto saudade de me pensar deusa de mim mesma. e sinto... *a tábu*a. esse pedaço de universo cru, de mundo de possibilidades que, salvo uma ou outra aresta de mares tempestivos, não se deixou moldar.

e as garras são agora pincel que desliza sobre seu corpo com o meu corpo que não sinto meu, e que desliza como quem planeja a arquitetura nova da destruição de tudo que foi antes. com o saber que não sabia que tinha, traçam o projeto de morada para quem deve viver em prisão. estremeço. dessa vez de medo. como quem teme que em suas invenções de catástrofe virá o homem a se autodestruir, me temo.

reúno todas as forças em combustão-motivada (pelo desespero de afastar a negação de mim), e causo aos dedos apenas formigamento – ou já é este o sentimento de estar adormecido? preferia estar eu em combustão, penso. um homem em chamas tem ainda fé no perdão da grama. e eu? em que haveria de ter fé? rezo. sinto o sopro do vácuo. é o anoitecer eterno. na escuridão, tateio em busca de mim mesma. é tarde: não sou nada. do infinito de possíveis, os

dedos têm memória de quem já construiu antes gaiolas, e serram e massacram tábuas em grades. encerro-me.

é tarde: já não sou nada além do que permiti(ram)-me ser.

Recebido em 16/09/2018.

Aceito em 04/01/2019.